



Revista *aSEPHallus* de Orientação Lacaniana  
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo  
ISSN 1809 - 709 X

## Vida longa à psicanálise

### **Flavia Lana Garcia de Oliveira**

Doutorado e mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica/UFRJ  
(Rio de Janeiro, Brasil)

Estágio sanduíche na Université Paris 7 (Paris, França)

Especialização em Psicologia Clínica Institucional – Modalidade Residência Hospitalar pelo Hospital  
Universitário Pedro Ernesto HUPE/UERJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Graduada em Psicologia pela UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Membro adjunto do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana/ ISEPOL (Rio de Janeiro,  
Brasil)

E-mail: [flavialanago@gmail.com](mailto:flavialanago@gmail.com)

### **Resenha do livro:**

Žižek, S. (2010). *Como ler Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 146p.

Para Slavoj Žižek, Lacan foi um leitor e intérprete voraz que mais potencializou o alcance das descobertas freudianas. *Como ler Lacan* é apresentado como uma demonstração do vigor da psicanálise como método de leitura pertinente aos fenômenos da atualidade. Com a publicação desse enxuto livro, Žižek vira o jogo e rebate as proclamações partidárias do cognitivismo e da neurobiologia que desdenham das explicações freudianas do funcionamento mental e condenam a psicanálise à morte. Sua chegada às prateleiras ocorreu na mesma década em que foi publicado *O Livro negro da psicanálise*, deixando o recado de que tal funeral é absolutamente prematuro. Muito pelo contrário: “só hoje o tempo da psicanálise está chegando” (Žižek, 2010, p. 9).

Àqueles que, a considerar o título do livro, esperam um trabalho introdutório para primeiros passos, talvez o texto soe denso. Já os que possuem longa estrada de formação talvez o experimentem como um pouco enfadonho. Ainda assim, é tácito que se trata de uma leitura que dá acesso a articulações marcadas por um raciocínio ágil e por um abrangente repertório de referências que vão desde clássicos da literatura, como Shakespeare, a produções cinematográficas, como Casablanca e Alien, novelas mexicanas e fatos marcantes da história mundial. Desse mosaico tão heterogêneo vemos se costurar, no melhor estilo do autor, uma trajetória concisa de transmissão de conceitos clássicos, tais como os de inconsciente, grande Outro, fantasia, objeto *a*, pulsão e supereu. Lembremos que, ao discorrer sobre a história do movimento psicanalítico, Freud (1914/1996, p. 47) afirmou: “tentei dar uma ideia da riqueza ainda incalculável de conexões que surgiram entre a psicanálise médica e outros campos da ciência. Existe material de trabalho para uma geração de pesquisadores, e não duvido de que ele será realizado tão logo as resistências contra a psicanálise sejam superadas”. Em uma direção metodológica similar à freudiana, Žižek pensa a cultura com as chaves explicativas da psicanálise lacaniana, mostrando que a psicanálise não é especulativa e sim orientada para o real naquilo que aparece para o sujeito em seu cotidiano. Como ressalta Žižek, o

inconsciente não é uma verdade profunda com a qual devemos nos identificar, mas sim, uma verdade insuportável com a qual devemos aprender a viver. De tal modo que: "a coisa não está escondida no carrinho de mão, ela é o próprio carrinho de mão" (Žižek, 2010, p. 31).

O livro segue o seguinte formato: cada capítulo é iniciado por uma passagem de um escrito ou seminário de Lacan que serve de ferramenta de interpretação de produções culturais através dos constructos lacanianos. Žižek retoma a metáfora lacaniana do grande Outro da linguagem como um cavalo de Troia que se oferece para uso gratuitamente para depois nos colonizar. Eis uma arapuca indispensável. Apenas os não tolos erram (*Les non-dupes errent*): aqueles que não se deixam apanhar na ficção simbólica são os que mais se enganam. O impasse histórico se forma quando um sujeito começa a questionar ou sentir desconforto em sua identidade simbólica. Žižek evoca a peça shakespeariana *Ricardo II* como paradigma literário da histericização. Seu tema é o progressivo questionamento pelo rei de sua própria realeza: *O que faz de mim um rei? O que resta de mim se o título simbólico de "rei" for retirado?* Decerto, a condição para que o circuito do desejo ganhe fôlego para o sujeito é a experiência do próprio Outro como desejante. Porém, diante do impacto traumático da exposição demasiado desvelada do abismo do Outro, um imbróglio se institui para o histórico devido à confusão entre desejo e demanda: como distinguir seu verdadeiro desejo, isto é, o que ele é, do que os outros veem ou desejam nele. Nesse ponto, Žižek toca na emergência do desejo do analista frente à crença de saber a ele direcionado em análise, a qual encontra-se no âmago da função do grande Outro atualizado em transferência: o analista encarna a certeza absoluta do desejo inconsciente.

Žižek associa a permissividade hedonista reinante na contemporaneidade a uma espécie de asceticismo do real do desejo. Ele chama a atenção para a capacidade de o mundo virtual despojar a realidade de sua substância. O núcleo resistente do real é subtraído "do mesmo modo como café descafeinado tem cheiro e gosto de café real sem ser a coisa verdadeira" (Žižek, 2010, p. 51). Tudo é permitido, desde que seja privado da substância que o torna perigoso. Žižek denomina essa posição frente ao real e à realidade como "interpassiva". Contrapondo-se à noção de Hegel, *List der Vernunft*, de astúcia da Razão, ele define a interpassividade como uma falta de atividade na qual o sujeito permanece passivo enquanto o Outro age por ele. Seus exemplos são variados: "posso continuar a trabalhar à noite, quanto o videocassete goza passivamente por mim; posso tomar providências financeiras relativas à fortuna do falecido quanto as carpideiras pranteiam por mim" (Žižek, 2010, p. 36). Ser passivo através do Outro configura uma postura por meio da qual se evita retumbantemente o real.

A abordagem zizekiana marca como é a fantasia que "nos ensina literalmente como desejar" (Žižek, 2010, p. 62). A construção fantasmática corresponde à constituição de uma fórmula "privada" para a relação sexual frente à inexistência de garantia universal da harmonia em parceria. A esse respeito, Žižek comenta um jocoso comercial de cerveja exibido na televisão britânica que começa com ares de conto de fadas: uma moça caminha à margem de um riacho, encontra um sapo, pega-

o com ternura e, após beijá-lo, evidentemente o sapo feio se transforma em um belo rapaz. Subsequente a isso, o rapaz lança um olhar ávido para a moça e a toma para si. Ao beijá-la, ela se transforma em uma garrafa de cerveja, a qual o homem segura triunfantemente na mão. A fantasia feminina converte, por meio do amor e da afeição, o sapo em príncipe, isto é, uma presença fálica plena. Já na posição masculina, trata-se de localizar a mulher como objeto parcial, causa de seu desejo. A assimetria sexual é hilariamente exposta nessa vinheta. Não há relação sexual, há a construção de um fantasma que permite suportar o real sem que aquele nunca equivalha a este. Não à toa a concretização fantasmática do casal ideal teria sido a figura de um sapo abraçando uma garrafa de cerveja. Como enfatiza Žižek, ao invés de assegurar a harmonia da relação sexual, a congruência de tal imagem desvela sua incrível disparidade.

Portanto, seguindo a linha de pensamento desse filósofo, o melhor antídoto contra a interpassividade, isto é, contra a dessubjetivação do laço com o Outro e com os objetos, seria o despertar da fantasia. Acerca disso, Žižek (2010, p. 76) afirma de modo muito aforístico e preciso que: "Para Lacan a tarefa ética máxima é a do verdadeiro despertar: não somente do sono, mas do feitiço da fantasia que nos controla ainda mais quando estamos acordados". Sem esse deslizamento, o conto de fadas se esmorece e assume um verniz muito mais trágico, pois cede espaço ao domínio da pulsão de morte e à perigosa autonomização do objeto parcial sem o bordeamento pela inscrição da castração na lógica da diferença sexual. Esse destino é ilustrado por Žižek através do conto de fadas de Andersen, *Os sapatos vermelhos*. Tal historieta narra o destino de uma menina que calça sapatos mágicos que se movem por si sós e a compelem a dançar sem parar. Os sapatos – materialização da pulsão acéfala – persistem compulsivamente, desprezando as limitações humanas. O único freio encontrado para tal invasão pelo objeto é cortar suas pernas fora.

O livro desemboca na leitura dessas questões que, em última instância, se referem às modalidades de laço com o Outro, no plano das ficções político-ideológicas pululantes desde o século XX. Em conformidade à perspectiva de Lacan, Žižek (2010, p. 144) acentua que "em vez de trazer liberdade, a queda da autoridade opressiva dá origem assim a novas e mais severas proibições". Sob o manto da aparente livre escolha, jaz uma injunção mais cruel e obscena do que a da figura paterna tradicional. Isso na medida em que a liberdade interior assegurada pelo supereu paterno é substituída por um imperativo de um "dever querer fazer". Na sequência, observamos que rapidamente Žižek se aproxima da temática do totalitarismo político e de sua conexão com a modalidade perversa de se relacionar com a verdade. O ponto mais cabal salientado pelo autor reside no aspecto de que a atitude tipicamente perversa consiste em adotar uma posição de puro instrumento da vontade do grande Outro. Esse é um alibi que permite a desresponsabilização, com a desconsideração cínica das implicações reais dos atos praticados. Assim, conforme sublinha Žižek, um verdadeiro político stalinista ama a humanidade, mas, apesar disso, promove terríveis execuções. Se concebe desculpado por suas ações dada sua função de instrumento de uma necessidade histórica superior. Žižek lembra que, Heinrich Himmler, chefe da SS, ao ser interpelado sobre a tarefa de

liquidar os judeus da Europa, inflou-se com uma atitude heroica e disse: "Alguém tem de fazer o trabalho sujo, então vamos fazê-lo!" (Himmler apud Žižek, 2010, p. 129). O perverso reivindica o acesso direto a figuras do grande Outro como objeto privilegiado, elevando-se a si mesmo como instrumento. Seu rechaço às mediações simbólicas e ao real impossível é convertido na força motriz de sua grandeza ética. Após disparar essas problemáticas que se mostram cada vez mais atuais e atuantes em nosso cenário presente, Žižek não envereda para uma retórica militante. Termina lançando a formulação de que o verdadeiro ato ético, no sentido lacaniano, se opõe diametralmente à essa elevação perversa de si mesmo a um instrumento do grande Outro.

### Referência Bibliográfica

Freud, S. (1996). A história do movimento psicanalítico. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 13-73). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1914).

**Citação/Citation:** Oliveira, F. L. G. (mai. a out. 2017). Vida longa à psicanálise. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 12(24), 135-138. Disponível em [www.isepol.com/asephallus](http://www.isepol.com/asephallus). doi: 10.17852/1809-709x.2019v12n24p135-138.

**Editor do artigo:** Tania Coelho dos Santos.

**Recebido/Received:** 24/10/2017 / 10/24/2017.

**Aceito/Accepted:** 26/10/2017 / 10/26/2017.

**Copyright:** © 2013 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.